

ROSSIN Elisa. **Autorretratos mascarados**. São Paulo: Universidade de São Paulo. Artista visual, figurinista, atriz e professora

RESUMO

O presente ensaio concentra-se nas relações da poética da máscara com o devir invisível do rosto e sua complexidade. Assim como a face, tal objeto representa uma imagem viva e circular conectada às forças de afetos diversos. Suas expressões, seus traços e formas provocam as percepções mais íntimas, caracterizando, como descreve Peter Brook (1994, p.289) “um retrato da alma, uma fotografia daquilo que raramente se vê; um invólucro que é o reflexo completo e sensível da vida interior.” Apoiada sobre tais pensamentos, compartilho meus processos criativos, estudos autorreferenciais que envolvem a criação de máscaras e mascaramentos como produções de autorretratos poéticos. Um processo similar utilizado como proposta metodológica também é apresentado, como um desdobramento dos estudos individuais.

Palavras-chave: Máscara. Mascaramento. Autorretrato. Identidade. Processo criativo.

ABSTRACT

This paper focuses on the relations of the poetics of the mask with the invisible becoming of the face and its complexity. As well as the face, this object represents a living and circular image connected to the forces of various affections. Its expressions, features and shapes provoke the most intimate perceptions, characterizing, as Peter Brook describes "a portrait of the soul, a photograph of what is rarely seen; a wrapping that is the complete and sensitive reflection of the inner life." (1994, p.289). Supported on such thoughts, I share my creative processes, self-referential studies that involve the creation of masks as productions of poetic self-portraits. A similar process used as a methodological proposal is also presented, as an unfolding of the individual studies.

Keywords: Mask. Masking. Self-portrait. Identity. Creative process.

I. Breve síntese introdutória

Há alguns anos, desde o início da minha pesquisa de doutorado sobre o campo poético da máscara, me deparo imersa em processos criativos que envolvem a produção de auto mascaramentos. Experiências nas quais não modelo ou confecciono uma máscara visando a construção de personagens, ou figuras, mas uso a minha própria imagem como ponto de partida para a criação. Como exemplo, um exercício realizado no primeiro ano da investigação, durante a disciplina “Arquiteturas do Corpo-Máscara” conduzida pelos professores Marcelo Danny e Felisberto Costa, na Universidade de São Paulo. A proposta era que cada aluno criasse um mascaramento corporal, de acordo com seus desejos e necessidades de autorrepresentação. Naquele ano, eu acabara de me mudar da cidade de São Paulo, onde vivia há dezesseis anos, para uma casa no Embu das Artes, numa reserva da Mata Atlântica, mais especificamente na última casa de uma rua de terra, sem saída e rodeada por árvores. Habitava então um novo tempo-espço, que alterava significativamente minha frequência e pulsação, bem como a minha relação com meu corpo e a natureza. No dia em

que elaborava e planejava meu exercício, sou surpreendida por um barulho no quintal. Vejo então uma enorme folha de palmeira caída no chão e logo em seguida sou surpreendida por uma chuva de sementes vinda da mesma árvore. Recoelho tudo, utilizo as sementes no molde do meu rosto feito em gesso para construir uma máscara de látex; descubro outro galho com pequenas ramificações com o formato de uma tiara e que pode ser facilmente presa na cabeça e utilizo a enorme folha seca como uma vestimenta para cobrir meu corpo. Meu mascaramento pessoal se fez naquele mesmo instante e foi fotografado no dia seguinte na disciplina. Se fez, portanto, ao acaso e não haveria melhor modo de mascarar-me a ponto de revelar minha essência naquele momento da minha vida, no qual criava raízes profundas num solo novo e silenciava para escutar o som ao redor.



Imagem 1: *Eu árvore*. Foto de Marcos Camargo tirada no dia de apresentação do exercício de auto mascaramento na USP.

Nesse paradoxal jogo que o termo “mascarar-se” sugere, entre esconder e revelar, as composições visuais de volume, profundidade e contornos integram massas sólidas e imagináveis, através de narrativas visuais atravessadas pela realidade e ficção da imagem que o sujeito constrói de si mesmo. De fato, a ideia de auto mascaramento nunca foi considerada como objeto de análise ou investigação na minha trajetória, pois tais práticas sempre me pareceram “pretextos distraídos” para simplesmente explorar e brincar com a minha autoimagem. Contudo, recentemente, reconheço sua relevância nos rastros da pesquisa traçada até aqui e passo a lançar um novo olhar sobre esse tema, seja revisitando sua presença nos meus próprios caminhos ou pesquisando-a em outros contextos artísticos.

Foi diante desse território de interesse que elaborei minha apresentação na *Jornada Internacional Atuação e Presença no Simpósio Reflexões Cênicas Contemporâneas* em fevereiro de 2021. Na comunicação oral, realizada virtualmente, compartilhei minhas experiências, tanto no campo artístico como em abordagens metodológicas, e são essas reflexões que registro nesse ensaio.

II. Quando no meio de uma pandemia, a câmera se torna um espelho e passo a construir-me continuamente.

Olhar-se no espelho é uma forma de encantamento.

Da sua superfície ao mero confronto físico, nasce uma figura única e inigualável.

Penetrando camadas de reflexividade e reflexão, brotam imagens internalizadas, estados emocionais, percepções que confrontam identidade e alteridade.

Em mitos e contos de fadas, na arte e no cotidiano, o espelho é um poderoso símbolo de mistério e sedução. (MONTEIRO, 2002, p.6)

Por estar vivendo há mais de um ano isolada do convívio social, devido a Pandemia causada pelo COVID19, sou obrigada a olhar mais para mim mesma, na busca por autorreconhecimento e na tentativa de reinventar-me e recriar-me para aguentar as angústias e incertezas dos dias. Desprendida e para preencher alguns vazios das horas, desde o início desse aterrorizante período, passei a fotografar-me e a recriar a minha própria imagem utilizando aplicativos de edição do aparelho celular. Nesses diálogos com o espelho (através da câmera) e entre as distintas camadas de reflexividade, como bem descreve Kanton, exploro a construção de imagens ficcionais. Construo-me e desconstruo-me, permito ser atravessada por outras materialidades e crio diferentes narrativas de mim mesma. Componho máscaras autobiográficas que, para além das formas e fisionomias da minha face, revelam camadas mais sutis e abstratas da minha personalidade. Faço isso algumas vezes como experimentos autorais, nos quais utilizo diferentes elementos, materiais e visuais, para fortalecer a narrativa dessas minhas auto ficções. *“Apesar de todas as palavras que eu nunca poderei escrever, a câmera se tornou minha caneta”* (Markert, apud VIANNA, 2021)

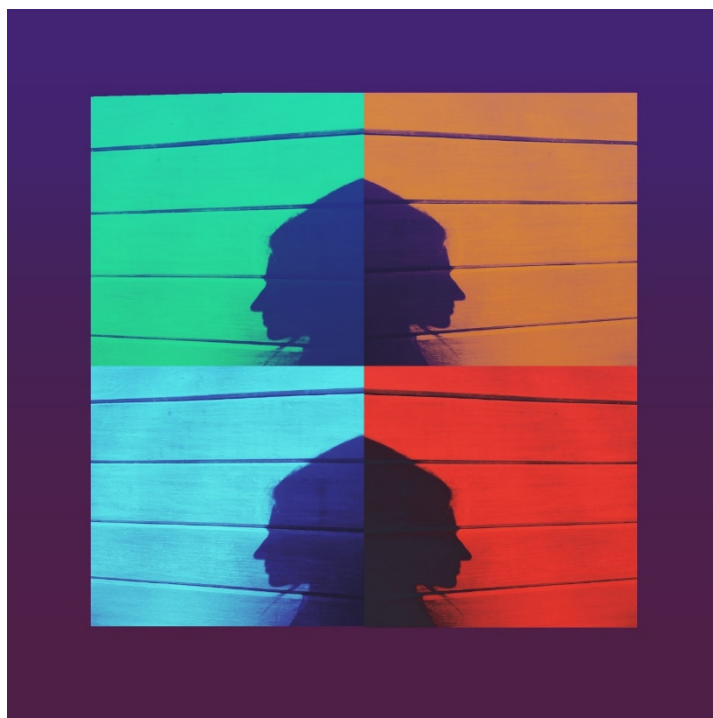


Imagem 2: Janus (autorretrato da autora realizado em agosto de 2020)



Imagem 3: *Aqui habita um pássaro* (autorretrato da autora realizado em junho de 2020)

É interessante lembrar que a prática do autorretrato atinge maior crescimento e passa a ser utilizada por artistas durante o Renascimento, justamente com a invenção de espelhos de cristal de boa qualidade e com a expansão do individualismo e da biografia (e claro, e todos os avanços desse período no sentido de reconhecimento e posicionamento mais íntimo do ser humano). Mais importante que a precisão da imagem era a ideia de usar o espelho, portanto, o autorretrato não é feito baseado na imagem refletida em um espelho, mas no ato de olhar para dentro de si mesmo (HALL, 2014). O que se sobressai nesse gênero é o encontro com a imagem refletida, a auto-observação como um percurso de investigação conectado ao exercício da exploração da própria subjetividade, uma expressão artística de estruturação de intersubjetividades e de reapropriação da própria imagem.

Evoco também para fomentar a discussão a FISIOGNOMONIA, o estudo das expressividades corporais das paixões analisada com maior profundidade na minha pesquisa de doutorado. Como define Matos (2012, p.16), “a fisionomia se caracterizou por constantes tentativas de revelar e desvendar a linguagem das expressões faciais (emoções vividas, eloquências e silêncios), uma analogia entre a superfície e a profundidade, experiências interiores exteriorizadas”. Realizadas por pensadores como Aristóteles e Descartes, também por artistas como Michelangelo, Leonardo Da Vinci e escritores como Goethe, Zola, Marivaux e Balzac, as pesquisas relativas à Fisionomia buscavam as analogias traçáveis entre os planos superficiais – as concretudes do visível – e as profundidades do ser – conteúdos invisíveis –; entre o que está por fora do rosto e aquilo que se esconde por dentro das aparências físicas. Tentativas que percorrem a Antiguidade, a Idade Média e a era moderna procurando desvendar a linguagem das expressões faciais, relacionando seus estudos anatômicos com as emoções e características pessoais. Relações essas tão profundas que chegaram a ser definidas também como os estudos da alma e das paixões humanas.

A Fisionomia é, portanto, uma disciplina atravessada por ambivalências entre racional e místico, médico e científico e mágico e religioso. Não cabe a mim afirmar a veracidade sobre tais estudos, ou dizer que seus conteúdos não geram questionamentos e contradições. À luz do pensamento de Giorgio Agamben (2009) acerca do contemporâneo, considerando a singular relação com o tempo, as distâncias anacrônicas interligadas invisivelmente por uma mesma ordem de raciocínio, tomo também minhas distâncias e reconheço que o assunto revela tessituras reflexivas que percorreram o tempo e exploraram um campo imaginário muito interessante para a presente pesquisa. Desprendo-me então dos intuitos científicos e deixo os aspectos artísticos da Fisionomia servirem de inspiração e referência para o processo de criação de máscaras teatrais e autorretratos, considerando-os um material inspirador.

III. Mulheres, máscaras e reflexos

Essa prática de autorretratar-se foi compartilhada durante o modo remoto da disciplina “Corpo-Máscara” que ministrei na Escola de Palhaças¹,

¹ Essa escola de formação de palhaças, exclusiva para mulheres, foi fundada em 2017 por Andrea Macera, diretora do Teatro da Mafalda, e é realizada, desde então, semestralmente em formato de retiro em um sítio em Ribeirão Pires-SP.

como base para que cada aluna, ao longo de um processo criativo autoral e experimental, construísse sua própria máscara, a partir da análise de suas características pessoais, memórias e identificações com objetos e materialidade diversas. Ao expor a proposta, compartilhei meu próprio processo de criação e apontei algumas maneiras de pensarmos e de nos expressarmos através dos materiais e das materialidades que nos cercam e, sobretudo, propus que lançassem um olhar delicado e investigativo sobre as suas características e marcas pessoais.

As participantes utilizaram os materiais que tinham em casa, como elementos orgânicos encontrados no próprio jardim, temperos disponíveis na cozinha, argila, tecido, penas, brinquedos entre outros. Me surpreendi quando uma delas mostrou sua máscara confeccionada com sobras de materiais hospitalares utilizados após uma cirurgia para retirada de seu útero. A aluna ressignificou tais objetos utilizados nessa marca profunda de sua trajetória e os utilizou como narrativa visual para registrar-se nesse momento. De modo geral, ao final do processo, todos os elementos utilizados pelas alunas apresentaram um grande valor pessoal e comunicaram suas particularidades, e todas as produções revelaram uma densidade significativa.

Nesse novo modelo de transmissão e troca de conhecimento (mesmo de forma remota) a produção das “máscaras-autorretratos” inaugurou um precioso portal para se pensar diferentes procedimentos metodológicos, configurando-se um fértil e promissor território de investigação. A abordagem metodológica revelou a potência dos estudos investigativos da autoimagem, apresentando a diversidade estética que revela personas com grande peso e força de existência. Os relatos compartilhados individualmente após o experimento ressaltam também como a proposta possibilitou a construção de um caminho de autoria e autonomia, no qual cada aluna criou seu objeto de forma única e singular.



Imagem 4 Máscara-retrato de uma das alunas, construída com materiais hospitalares (fevereiro 2021).



Imagem 5: Máscaras-retratos construídas pelas alunas da Escola de Palhaças (fevereiro de 2021)

IV. Desdobramentos conclusivos

Uma sensação de vida é o que se tem que conseguir. Quando se pinta um retrato, o problema é encontrar uma técnica capaz de expressar todas as vibrações de uma pessoa (...). O modelo é de carne e osso e o que tem de ser capturado é o que emana dele. (Francis Bacon)

Transpondo essa ideia de Bacon para a abordagem de autorretrato que venho propondo até aqui, modelo e artista são o mesmo ser, e é preciso captar o que emana da nossa própria carne e espírito; aquilo que escapa do espelho e revela camadas invisíveis desse “habitar corpo”. Pensemos então no devir invisível do rosto, como um complexo de sinais e de forças em movimento, que reflete as intensidades formais e vitais e no retrato, como uma espécie de objetividade absoluta da subjetividade (GIL, 2005). Tanto nos meus processos artísticos pessoais como na abordagem pedagógica, a produção dos retratos poéticos é reconhecida como uma forma de mascaramento do ‘eu’, que revela, plástica, simbólica e sensorialmente, os reflexos da alma, explorando a pluralidade e a contradição das identidades. A penetração psicológica associada a “máscara-retrato” se conecta ao devir invisível do rosto e a potência do retrato. O ‘eu’ se torna revolucionário, ao mesmo tempo é ator, produtor, confeccionador e receptor da obra criada. Sua imagem fica registrada, torna-se um espelho flutuante, um retrato mascarado, uma “máscara-retrato”, um objeto de natureza abstrata e mutável, que pode ser observado e revisitado constantemente.

Essas experiências relatadas e as reflexões compartilhadas nesse ensaio não se encerram aqui, elas abrem o caminho para minha recente pesquisa, na qual passo a investigar a produção e a análise de autorretratos feitos por mulheres ao longo da história da arte, envolvendo na discussão também obras e artistas contemporâneas que exploram, através de diferentes meios, a autoimagem e questões identitárias como meio de expressão. E para finalizar esse ensaio, retorno à imagem do meu primeiro “auto mascaramento” (inserido no início do texto) e, através de um “recorte editado” crio uma máscara que me representa nessa síntese conclusiva: se naquele momento eu criava raízes, agora reconheço que não sou mais árvore, sou rizoma, traço caminhos múltiplos, busco dimensões abstratas e indizíveis e habito a contemporaneidade.



Figura 5 (autorretrato final)

Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Editora da UnoChapecó, 2009.

BROOK, Peter. As máscaras saindo de nossas conchas. In: O ponto de mudança: quarenta anos de experiências teatrais – 1946-1987. Trad. Antonio Mercado e Elena Gaidano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

GIL, José. A arte do retrato. In: Escritos sobre artes e artistas. Lisboa: Relógio D'Água, 2005.

HALL, James. The Self-Portrait: A Cultural History. New York: Thames & Hudson, 2014.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Espelhos da alma: fisiognomonía, emoções e sensibilidades. Revista Brasileira de História das Religiões, v.5, n. 14, set. 2012, p.13-34.

MONTEIRO, Kátia Canton. Auto-Retrato, Espelho de Artista. Tese. Universidade de São Paulo, 2002.

ROSSIN, Elisa de Almeida. O campo poético das máscaras, atravessamentos atemporais ensaiados na pele e na forma. Tese. Universidade de São Paulo, 2019.

VIANNA, Adriana. Autorretratos como catarse. [on-line]. 13 maio. 2021. Disponível em: <http://www.resumofotografico.com/2021/05/autorretratos-como-catarse.html>. Acesso em 15 maio 2021.